

A criação e utilização do banditismo visto por ex-oficial rodesiano

N. 26/11/84

Um artigo recentemente publicado pelo jornal norte-americano «Washington Post», considera como sendo «claro» que os bandidos armados estejam a receber fundos independentes de Pretória, a partir de homens de negócios portugueses na África do Sul e Lisboa. O articulista daquele importante diário norte-americano tira as suas conclusões com base num relato do processo de formação do banditismo armado.

Parte do artigo do jornalista do «Washington Post», Glenn Frankel, é atribuída a informações que lhe foram dadas por um antigo alto oficial dos serviços secretos rodesianos e que desempenhou um importante papel na organização do banditismo armado nos anos 70.

O artigo, que foi citado pela Imprensa sul-africana, diz que o apoio do Governo da África do Sul ao banditismo armado começou quando Pieter Botha se tornou Primeiro-Ministro. Acrescentou que durante o mandato de John Vorster o Governo sul-africano opôs-se à operação que conduziu à criação do MNR pelo regime rodesiano.

O Governo sul-africano sob a direcção do Primeiro-Ministro J. Vorster desaprovou as acções clandestinas da Rodésia e advertiu Ian Smith contra a criação do movimento — diz o jornalista Frankel.

Foi apenas em 1978, depois de Vorster ter sido obrigado a retirar-se e da ascensão do então Ministro da Defesa, Pieter Botha, a Primeiro-Ministro, que Pretória começou a exprimir interesse no movimento.

No artigo, o antigo oficial rodesiano, cujo nome não é citado, descreve que a Central de Inteligência Rodesiana organizou os bandidos armados nos anos 70 como meio para obter informações sobre a FRELIMO e sobre o movimento nacionalista rodesiano que estava a preparar o desencadeamento da sua guerra de guerrilha contra o regime de Smith.

Uma base de treino foi estabelecida num «farm» próximo de Mutare. Depois da FRELIMO ter tomado o poder os rodesianos prestaram mais atenção ao MNR, reconheceram o oficial.

Apenas poucos dos portugueses brancos que pediram para se juntar ao MNR foram integrados porque o director dos Serviços Secretos Rodesianos, Ken Flower, insistiu em aumentar o movimento pequeno, manejável, clandestino e africano.

Ele anteriormente nunca excedeu 500 homens e isso foi feito propositalmente — disse o oficial.

Nós não estávamos interessados em mercenários e não queríamos que alguém fosse capaz de dizer que isto foi criado por nós — afirma o antigo oficial rodesiano.

Os rodesianos aceitaram integrar Orlando Cristina, um português branco que foi um adjunto de Jorge Jardim e que providenciou fundos para os bandidos armados.

Segundo o oficial de segurança rodesiano depois do acordo de Lancaster House que conduziu à transformação da Rodésia em Zimbabwe ofereceram-se três perspectivas ao banditismo organizado.

- Esconder as suas armas e voltar para casa;
 - Deixarem Moçambique e atravessarem a Rodésia e estabelecerem-se em qualquer sítio;
 - Ir trabalhar para os sul-africanos, que agora estavam interessados em tomarem conta da operação.
- Nos dias das eleições que conduziram Robert Mugabe ao poder a manobra do MNR foi entregue nas mãos dos sul-africanos, acrescentou, mostrando o domínio da terceira alternativa.

Os sul-africanos expandiram as hostes do banditismo com antigos membros da polícia secreta portuguesa (PIDE) e militares que foram para a África do Sul depois da independência de Moçambique.

Ele acrescentou também que de acordo com documentos aparentemente autênticos capturados em Dezembro de 1981, os sul-africanos construíram uma base de treino em Zoabostad no Transval e enviaram especialistas e instrutores para Moçambique a fim de treinarem os bandidos e participarem em operações.

O jornalista do «Washington Post» diz que as esperanças em se acabarem com as acções do banditismo após o Acordo de Nkomati não se realizaram porque o grupo de retaguarda sul-africano continuou a funcionar aparentemente sem impedimentos.

Uma razão oferecida para isto, diz Frankel, é que os militares operativos da África do Sul, conhecedores de que o seu Governo estava a preparar um acordo com a Frelimo, lançaram-se em grandes fornecimentos em armas e munições para manter os bandidos durante pelo menos um ano — escreve o «Washington Post».